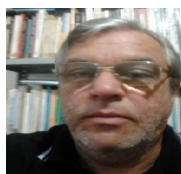




IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Filosofia: formação, vivência e docência do professor de Filosofia¹



Por João Capistrano Filho² (dialectus@bol.com.br).

Fui bancário e atuei no movimento sindical por muitos anos. A minha trajetória profissional no campo da filosofia surge quando o meu interesse pelo movimento sindical deixou de existir. Inscrevi-me no concurso público para professor da rede estadual de ensino do Ceará e há dez anos sou professor de filosofia.

1. Como e quando surgiu seu interesse por Filosofia?

O meu interesse por filosofia surgiu bem cedo, ainda na adolescência, quando li “A República” de Platão. Por muito tempo essa obra fundamental para o pensamento ocidental intrigou-me pela sua capacidade de ser sofrer atualizações e em alguns aspectos parecer tão atual. Já no curso de filosofia reli “A República” e descobri que a obra de Platão era um poderoso conceito de sociedade bem arraigado na visão de mundo do Ocidente. Outros pensadores da tradição filosófica como Bacon, Hume, Rousseau, Hobbes, Descartes e Marx despertaram o meu interesse inicial pela filosofia.

2. Como o Sr. caracteriza seu curso de Graduação em Filosofia na Universidade Federal do Ceará? (Assinalar pontos fortes e críticas, se houver).

A minha graduação fiz na Universidade Estadual do Ceará, pois não havia ainda na federal do Ceará o curso de filosofia. O conjunto de professores era subdividido entre aqueles de orientação marxista, os hegelianos e os que detinham uma forte

1. Entrevista realizada por José Provetti Junior, Coordenador Geral do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR.

2. É doutor em Educação, mestre em Filosofia e graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. É docente de Filosofia na Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEEC.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

influência da metodologia escolástica. Os últimos eram padres ou traziam a influência dos seminários católicos. Tinha um pequeno segmento que abordava a filosofia contemporânea, especialmente, no tocante a arte. Para mim esse foi o ponto forte, pois tive a oportunidade de me envolver com os pensadores da Escola de Frankfurt, especialmente Adorno.

3. Durante a graduação, a como o Sr. analise, hoje, o preparo didático e pedagógico para o exercício docente? (O mesmo anterior).

Há uma distância entre a realidade exposta pela universidade durante a formação do professor e a realidade em si encontrada em sala de aula. A graduação é o principal instrumento de trabalho do docente. Mestrado e doutorado são aperfeiçoamentos que qualificam o professor para que sua visão se amplie qualitativamente. A pesquisa universitária deve estender seu braço até a “plurivocidade”, como diria Adorno, ou melhor, até a fenomenologia do universo escolar. A ação do professor em sala de aula se manifesta por meio de sua didática. Os conhecimentos pedagógicos adquiridos na graduação devem, em tese, impulsionar o seu método, mas nem sempre um Piaget, por exemplo, corresponde a uma realidade social permeada por uma injustiça histórica. Portanto, hoje, como ontem, o preparo para o exercício da docência encontra graves deficiências.

4. Qual foi sua primeira experiência profissional no campo filosófico e o que a caracterizou? (O mesmo anterior).

A minha primeira experiência filosófica no campo profissional ocorreu quando ministrei algumas aulas em uma faculdade particular. Sem muita experiência impus um ritmo de exigência elevada o que não foi bom para mim nem para os alunos. Anos depois compreendi que aqueles meus alunos eram pessoas que tinham tido poucas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

oportunidades ou dificuldades para estudar de modo regular ao longo de suas vidas e isso gerava uma dificuldade para absorver a linguagem da filosofia. Eu não consegui enxergar o não-idêntico adorniano, ou seja, a contradição. Essa não percepção foi o que mais caracterizou a minha experiência como profissional no campo da filosofia e me ajudou bastante posteriormente.

5. Quando se iniciou seu interesse pelo pensamento de Adorno?

O meu interesse pela filosofia de Adorno surgiu na universidade. Antes o meu interesse se resumia às figuras clássicas do pensamento filosófico. Tudo começou em uma disciplina chamada filosofia da arte quando o assunto Indústria Cultural do livro *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer foi abordado minuciosamente. Interessei-me pelo livro e o li várias vezes. Confesso que não foi uma leitura fácil, pois como disse certa vez Habermas: é um documento que beira o confuso. Posteriormente li outro livro fundamental de Adorno chamado *Mínima Moral*. Essa obra é de grande importância para compreender a *Dialética Negativa*.

6. O que mais lhe é caro no pensamento de Adorno para seu exercício filosófico enquanto cidadão?

O que me é mais caro é a percepção de que o mundo como objeto é constituído por diferenças. E o respeito à diferença como parte do todo é a pedra angular de uma sociedade que avança no plano da tecnologia, mas que continua violenta.

7. Se verifica em sua formação como mestre em Filosofia, a continuidade nos estudos sobre a filosofia de Adorno, em especial quanto a questão da crítica da razão, qual o impacto desse aprofundamento teórico em sua prática docente?

Bem, como professor da rede pública a leitura que faço todos os dias é a de que



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a injustiça social é um problema ligado a uma negação dialética da sociedade a estrutura de poder que prima pela abundância para poucos e a miséria para a maioria. A racionalidade que atua no campo da educação, saúde, segurança e trabalho, no caso brasileiro, é perversão de uma elite que teme e, portanto, abomina a justiça. O pior de tudo isso é o risco da reprodução dessa violência pela maioria injustiçada. Dai temos uma violência que se manifesta pelas grades que guardam as casas e que nada mais são do que a visão do *plus* da miséria. A tarefa do professor é tentar provocar o duplo giro copernicano, ou seja, a reflexão da reflexão sobre a desrazão encoberta por uma falsa razão bem lapidada por estatutos e códigos de leis.

8. Durante o curso de mestrado encontrou alguma dificuldade em expor os resultados de sua investigação na mídia científica nacional através da publicação de artigos? Como se caracteriza, para o Sr. o atual estágio da produção filosófica nacional veiculada em periódicos qualificados pelo CNPQ?

Sim, muitas dificuldades. Aliás, dá menos trabalho escrever um artigo do que publicá-lo. Quanto a segunda parte da pergunta eu digo que: há de tudo, a saber, artigos ótimos, regulares. De um modo geral não existe muita ousadia. Um artigo, por exemplo, que aborde o pensamento de Wittgenstein, Heidegger ou Kant de *qualis* alto às vezes é bem escrito, mas não acrescenta muita coisa, ou seja, não causa o espanto filosófico.

9. No que se refere ao curso de Doutorado em Educação, qual foi a contribuição deste para a prática docente do Sr. e em que medida a dialética negativa de Adorno se insere na docência filosófica?

O meu Doutorado em Educação cuja leitura primária foi a Dialética Negativa de Adorno tem como principal contribuição levar aos colegas docentes uma postura de resistência a favor da dignidade do educador e da educação. Como cito em minha tese



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

temos uma sociedade que se educa para culpar o professor. Essa educação é histórica, isto é, temos uma sociedade que se gestou em um profundo processo de dominação. Os reflexos dessa injustiça não se apagaram somente porque a tecnologia de ponta enriquece o nosso modo de comunicação ou no cuidado com a saúde. A sociedade que culpa o professor cultiva a minoridade no sentido kantiana por se negar a tornar pública a sua razão, a saber, de resistir a favor de uma sociedade mais justa. Portanto, a dialética negativa se insere na docência filosófica à medida que o docente mergulha no conceito de educação dado pelo poder e captura a sua ilusão. Para em seguida fazendo uso de uma linguagem acessível expor didaticamente essa ilusão.

10. Como percebe a presença da disciplina de Filosofia no Ensino Médio, na Secretaria de Estado da Educação do Ceará?

O ensino de filosofia nas escolas do Ceará é um grande avanço apesar da carga horária ser mínima (50 min/ aula). Muito tem que ser feito, como por exemplo, evitar que professores de outras áreas atuem como professor da disciplina. Esse, no entanto, é um problema de muitos lugares. Eu, por exemplo, para fechar a minha carga horária leciono filosofia, história e sociologia.

11. Quais são as perspectivas de desdobramentos sociais do ensino de Filosofia no Ceará?

A sua pergunta é quase enigmática. Qualquer desdobramento em relação ao ensino de filosofia no Ceará depende de uma política do governo estadual em relação à disciplina. A filosofia faz parte do currículo das escolas de ensino médio. Eu creio que no futuro a tendência a uma interdisciplinaridade se cumpra. Não sei se era isso que você gostaria de saber.